

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 7

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

7

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 7 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-014-8

DOI 10.22533/at.ed.148181912

1. Educação e estado. 2. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3. Prática pedagógica. 4. Professores – Formação.
I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No âmbito da presente obra é relevante destacar que a preocupação com a formação de professores é antiga. E que a concepção e as finalidades da formação continuada de professores no Brasil foram mudando ao longo do tempo.

É pertinente afirmar que as políticas educacionais voltadas à formação continuada de professores, são fundamentais e possuem um potencial significativo quando se trata da promoção da melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos.

Deste modo, os artigos deste volume no geral apresentam alguns aspectos legais advindos da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, do Plano Nacional de Educação, da Resolução CNE/CP n.º 01/2002 que institui as Diretrizes Nacionais para a formação de professores e Portaria Ministerial n.º 1.403/2003 que cria a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (a mais utilizada nos artigos) os artigos 61, 62, 63, 64, 65 e 66 tratam da formação dos profissionais da educação e o artigo 67 sobre a sua valorização.

Os saberes do professor também é um tema abordado e de todos os saberes, o saber da experiência se destaca, uma vez que ele é aprendido na prática, na vivência reflexiva do trabalho cotidiano e nos embates com os problemas vividos nos processos das práticas refletidas. Esse conhecimento é unido à ação didática, é prática e teoria ao mesmo tempo. É o que define o professor como autor da sua prática, mediada pelas relações com seus educandos, constrói saberes e redimensiona a teoria.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Flaviani Souto Bolzan Medeiros</i>	
<i>Jaqueline Sabrini Carvalho Cunha</i>	
<i>Andreia Ines Dillenbourg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819121	
CAPÍTULO 2	18
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM AMBIENTE DE CIBERCULTURA E SUAS DEMANDAS PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS	
<i>Valter Pedro Batista</i>	
<i>Lucila Pesce</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819122	
CAPÍTULO 3	32
A FORMAÇÃO DOCENTE E O PAPEL DA TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Rosely Cândida Sobral</i>	
<i>Denise Rosana da Silva Moraes</i>	
<i>Tamara Cardoso André</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819123	
CAPÍTULO 4	41
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS FORMADORES E O CURRÍCULO DAS LICENCIATURAS PARA A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Maria Célia Borges</i>	
<i>Leonice Matilde Richter</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819124	
CAPÍTULO 5	56
A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA E O TRABALHO COM QUESTÕES MORAIS	
<i>Izabella Alvarenga Silva</i>	
<i>Raul Aragão Martins</i>	
<i>Luciana Aparecida Nogueira da Cruz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819125	
CAPÍTULO 6	64
A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<i>Miryan Cristina Buzetti</i>	
<i>Maria Piedade R. da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819126	
CAPÍTULO 7	72
ABORDAGEM TEMÁTICA: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE CIÊNCIA DA NATUREZA A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA BACHELARDIANA	
<i>Marinês Verônica Ferreira</i>	
<i>Cristiane Muenchen</i>	
<i>Carlos Alberto Marques</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819127	

CAPÍTULO 8	82
COACHING EDUCACIONAL: POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NA GESTÃO ESCOLAR	
<i>Andressa Savoldi de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819128	
CAPÍTULO 9	101
COORDENADOR PEDAGÓGICO DA ESCOLA: ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS	
<i>Antonio Nilson Gomes Moreira</i>	
<i>Gláucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa</i>	
<i>Ana Lúcia Lopes do Carmo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819129	
CAPÍTULO 10	115
DILEMAS E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CRIANÇAS PEQUENAS	
<i>Alice de Paiva Macário</i>	
<i>Víviã Carvalho de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191210	
CAPÍTULO 11	126
DIVERSIDADE, ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Hyago Ernane Gonçalves Squiave</i>	
<i>Priscila Braga Paiva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191211	
CAPÍTULO 12	134
FORMAÇÃO CONTÍNUA NA PERSPECTIVA DE APRENDIZADO COLABORATIVO PARA PROFESSORES ALFABETIZADORES	
<i>Ivana Ferreira dos Santos</i>	
<i>Cecília Vicente de Sousa Figueira</i>	
<i>Fernanda Barros Ataiades</i>	
<i>Anair Araújo de Freitas Silva</i>	
<i>Érica Giarretta Biase</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191212	
CAPÍTULO 13	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O CASO DA CIDADE DE MARABÁ(PA)	
<i>Airton dos Reis Pereira</i>	
<i>Marinalda Gomes Apinagés</i>	
<i>Maria José Costa Faria</i>	
<i>Rayda Matias Lima</i>	
<i>Vanda Coelho Rêgo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191213	
CAPÍTULO 14	152
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO CAPITALISTA: VALORIZAÇÃO E OU PRECARIZAÇÃO?	
<i>Raimunda Maria da Cunha Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191214	

CAPÍTULO 15	167
FORMAÇÃO DOCENTE: HÁ POSSIBILIDADES PARA ALÉM DO INSTITUÍDO?	
<i>Maurício Fagundes</i> <i>Silvana Hoeller</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191215	
CAPÍTULO 16	176
LEIO QUANDO POSSO - PRÁTICAS DE LEITURA ENTRE FUTUROS PEDAGOGOS	
<i>Ezequiel Theodoro da Silva</i> <i>Ludimar Pegoraro</i> <i>Mariangela Kraemer Lenz Ziede</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191216	
CAPÍTULO 17	192
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO PRODUTORAS DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Marcelo Silva da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191217	
CAPÍTULO 18	202
O PIBID ENQUANTO POLÍTICA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO E SEUS IMPACTOS PARA A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES INICIANTES	
<i>Ray-Ila Walleska Santos Ferreira Gouveia</i> <i>Maria Joselma do Nascimento Franco</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191218	
CAPÍTULO 19	213
O QUE DIZEM AS PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE A FORMAÇÃO DAS (OS) DOCENTES DA CRECHE?	
<i>Patrícia Maria Reis Cestaro</i> <i>Núbia Schaper Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191219	
CAPÍTULO 20	225
O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SARESP, COMO INDICATIVO DAS LACUNAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PARTICULAR*	
<i>Karina Machado</i> <i>Maria Iolanda Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191220	
CAPÍTULO 21	234
POTENCIALIDADES DA EXTENSÃO UNIVERITÁRIA COMO PARTE DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO DA UNESP RIO CLARO E O PEJA	
<i>André Luís Messetti Christofolletti</i> <i>Flávia Priscila Ventura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191221	
CAPÍTULO 22	242
RANÇOS E AVANÇOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: DESVELANDO O IMAGINÁRIO SOCIAL DOCENTE	
<i>Márcia Beatriz Cerutti Müller</i> <i>Denise Regina Quaresma da Silva</i> <i>Zuleika Leonora Schmidt Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191222	

CAPÍTULO 23	255
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR	
<i>Kathya Maria Ayres de Godoy</i> <i>Ivo Ribeiro de Sá</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191223	
CAPÍTULO 24	268
RELAÇÕES SOCIOPROFISSIONAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: SUA COMPREENSÃO PARA EMBASAR PROJETOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Laurinda Ramalho de Almeida</i> <i>Adriana Teixeira Reis</i> <i>Jeanny Meiry Sombra Silva</i> <i>Luana de André Sant'Ana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191224	
CAPÍTULO 25	275
SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE AUTÔNOMA	
<i>Augusta Teresa Barbosa Severino,</i> <i>Renata Cristina Geromel Meneghetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191225	
CAPÍTULO 26	286
A SINTONIA ENTRE AS DIMENSÕES PRESENCIAL E VIRTUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DE UMA EXPERÊNCIA INOVADORA	
<i>Luiza Alves Ferreira Portes</i> <i>Luzia Cristina Nogueira de Araujo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191226	
SOBRE A ORGANIZADORA	297

LEIO QUANDO POSSO - PRÁTICAS DE LEITURA ENTRE FUTUROS PEDAGOGOS

Ezequiel Theodoro da Silva

Universidade de Campinas - Faculdade de Educação – Campinas/SP.

Ludimar Pegoraro

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) – Caçador/SC

Mariangela Kraemer Lenz Ziede

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação - Departamento de Estudos Básicos - Porto Alegre – RS

RESUMO: A leitura é uma prática fundamental para a aquisição e produção de conhecimentos; por isso mesmo, cumpre uma função imprescindível nos processos de ensino e de aprendizagem, orientados pelos professores nas escolas. Com base nesse pressuposto, quisemos saber, através de um estudo de caso de natureza exploratória (2015) em que medida e proporção as práticas de leitura se fazem presentes na vida de um grupo de pedagogos “em formação” de uma universidade catarinense, situada no Alto Vale do Rio do Peixe, SC. Para tal, sistematizamos informações coletadas a partir de características identitárias extraídas a partir de uma pergunta geral aberta “Quem sou eu” e a partir da aplicação de um questionário online, voltado especificamente para experiências centradas no ato de ler. Os

dados mostraram que a leitura de materiais impressos infelizmente não ocupa um lugar de destaque no quadro de interesses desse grupo, variando em termos de ocupação de tempo e sendo realizada “na medida do possível”. Esta comunicação pretende detalhar os focos centrais da pesquisa e problematizá-los no horizonte das competências de ensino relacionadas ao mundo presente. Tal problematização não deixará de explicitar uma preocupação com a formação básica e continuada dos professores brasileiros, considerando que o gosto pela leitura precisa de bons modelos e de situações prazerosas para ser desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Prática de Leitura. Formação de Professores. Educação.

ABSTRACT: Reading is a fundamental practice for the acquisition and production of knowledge; therefore, it plays an essential role in teaching and learning processes organized by teachers at the schools. On that basis, we wanted to know, through a case study (2015) to what extent and proportion reading practices are present in the life of a group of teachers-to-be from a university located on the high valley of Peixe River region, State of Santa Catarina-Brazil. To this end, we systematized information collected from extracted identity characteristics of a free testimony to the question “Who am I” and from the application of a questionnaire

online, designed specifically to reach aspects related to the act of reading. The data showed that reading unfortunately does not occupy a prominent place in the framework of interests of this group, varying in terms of occupation time and being taken as “if they have the time.” This communication aims to detail the central focus of the research and discuss it on the horizon of the educational skills related to this universe. Such questioning intends to express a concern with basic training and continuing education of Brazilian teachers, considering the taste for reading needs good models and pleasurable situations to be developed.

KEYWORDS: Reading. Reading Practice. Teacher Training. Education.

Se o professor não for um bom leitor, são grandes as chances de que seja um mau professor.

Marisa Lajolo (1982)

1 | INTRODUÇÃO

“Dever de casa” - esta era uma expressão muito utilizada em nossos tempos de ensino fundamental e, cremos, muito presente até os dias de hoje para representar tarefas que os estudantes devem cumprir para além das horas passadas na escola, extraclasse. A palavra “dever” significa “ter por obrigação” ou, se quiser, guardar um compromisso moral de o estudante dedicar-se e aplicar-se aos seus estudos, somando algo a mais às aulas dadas pelos seus professores. Muitas vezes o “dever de casa” é tomado mais especificamente como “dever de leitura”, ou seja, ter o estudante a obrigação de estudar complementarmente por meio de pesquisas feitas em textos escritos, sejam eles impressos ou virtuais, ou então fruir de textos de literatura. Deveres, nasçam eles de que disciplina for, se voltam para exigências de natureza escolar que estendem ou alargam o trabalho pedagógico do professor e que, na maioria das vezes, não perguntam se os estudantes “podem” fazer. Inclusive, há uma diferença muito grande entre as expressões “devem fazer” e “podem fazer”, cujo sentido, por contraste, é facilmente inferido.

Sem querermos fazer um jogo de palavras e levando esta introdução para a esfera da profissão do professor, podemos verificar que, em termos de leitura, há uma grande diferença entre as expressões “leio porque devo...” e “leio quando posso...” (que dá nome a esta comunicação”. A primeira expressão leva em conta a abrangência dos compromissos e competências do professor e dentro dela o “dever ler” de modo a ser preparar (atualizar-se, formar-se continuamente, esmerar-se) para o seu ofício de educar. A segunda expressão fica subordinada à primeira, ou seja, o *dever ler* pressupõe o *poder ler*. Não é à toa que, historicamente falando, uma das funções precípuas das escolas e, portanto, dos professores é o ensinar a ler, escrever e contar.

Ainda porque “[...] qualquer livro decente de pedagogia vai mostrar que o elemento mais importante para a formação do leitor é o professor. Na área da alfabetização, as pesquisas mostram que não é o método que faz a diferença para o sucesso do ensino - o que realmente faz a diferença [...] é a experiência do professor, demonstrando condutas docentes coerentes, com entusiasmo, empatia, preocupação constante a respeito da aprendizagem dos alfabetizados. Mesma coisa para o que se segue depois da alfabetização: professores que sejam leitores, com vivência literárias, [...] que saibam manejar os gêneros de escrita [...]» (SILVA, 2016, p. 97).

Queremos aqui mostrar que no centro e no cerne do processo de ensino e de aprendizagem se instalam e se encarnam diferentes práticas de leitura, sem o que, nos parece, fragilizam-se a educação e a escola. Daí que, antes e acima de tudo, o professor deva ser, por dever de ofício e por responsabilidade profissional, um leitor maduro, bem preparado nas lidas com os textos e um ser capaz de irradiar entusiasmo pela escrita junto aos seus grupos de alunos. Pela necessidade desse modelo e sabendo que o professor passou a ser o principal mediador de leitura para os estudantes na sociedade brasileira, conforme os resultados da última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil,¹ ganha destaque o preparo do mesmo para esse importante desafio.

A presente pesquisa reconhece e enaltece a importância do preparo do professor em leitura para o sucesso escolar e para a vida dos seus alunos - uma constatação que surge em decorrência da íntima relação entre qualidade do ensino-aprendizagem e qualidade das leituras oferecidas e dinamizadas nas escolas brasileiras. Tanto é assim que em meados do ano 2000, através de um censo realizado por SILVA (2006) junto a 385 professores da região de Campinas, aguçou-se a nossa inquietação e curiosidade à luz das descobertas desse levantamento, entre as principais que professores leem por influência dos professores que tiveram; que leem para aprender e informar-se; que leem mais em casa, solitariamente, à noite e durante a semana; que possuem em média até 50 títulos em casa; que conseguem seus materiais de leitura em bibliotecas da escola e nas livrarias; que o texto xerocopiado é o principal meio de leitura; e que eventualmente leem textos de literatura, mas muito mais intensamente leem textos religiosos e de autoajuda. Podemos afirmar, com base nesse censo, que o quadro da leitura-escrita junto aos professores não era dos melhores, revelando lacunas de formação, falta de condições condignas para ler, ausência de acervos de leitura e, o pior, repertórios e condutas de leitura que se situavam em ponto distante daquele esperado para um professor (de educação básica). Com base nesses resultados, quisemos iniciar uma outra investigação, agora focando professores em processo de formação numa universidade para verificar se ali residia alguma raiz do problema, se o panorama se apresentava como diferente e se uma perspectiva mais otimista poderia ser delineada.

1 A 3ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura do Brasil (2011) mostrou que o professor passou a ser o principal modelo de leitura das crianças, papel esse que anteriormente era exercido pelas mães.

2 | OBJETIVO

Quisemos fazer uma primeira aproximação ao conhecimento das práticas de leitura de professores em formação. A nossa inquietação voltou-se às práticas de leitura de um grupo de 28 (vinte e oito) estudantes universitários² - práticas essas fotografadas através dos seguintes indicadores: posse de livros; posse de revistas; assinatura de jornais; acesso à internet; tempo gasto com a leitura de materiais impressos; informante de textos para leitura; assunto preferido de leitura; tempo gasto com instrumentos eletrônicos; preferência por assuntos da internet; hierarquia de atividades de lazer; frequência de leitura de: literatura (romance), jornal, revista, poesia, livros (de estudo), apostila (xerox) e internet; modo de resolução de problemas de entendimento de textos

Cabe sublinhar que estamos aqui tratando de uma pesquisa de cunho exploratório em estágio inicial. Portanto, mais do que respostas definitivas e inquestionáveis, trabalhamos no sentido de construir um cenário a respeito da intensidade da presença ou ausência da leitura na vida acadêmica de um grupo de estudantes universitários, buscando explicitar tendências que possam ser investigadas através de metodologias mais sofisticadas em tempo futuro.

3 | METODOLOGIA

Nossa pesquisa pode ser compreendida como sendo um “estudo de caso” de natureza exploratória. Como assevera André (2005), “O estudo de caso começa com um plano muito aberto, que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo avança. A pesquisa tem como ponto inicial uma problemática, que pode ser traduzida em uma série de questões, em pontos críticos ou em hipóteses provisórias. A problemática pode ter origem na literatura relacionada ao tema, ou pode ser uma indagação decorrente da prática profissional do pesquisador, ou pode ser a continuidade de pesquisas anteriores, ou ainda pode nascer de uma demanda externa, como a pesquisa avaliativa.”

O instrumental de pesquisa ficou por conta de do preenchimento de um formulário tipo depoimento chamado “Quem sou eu”, em que o estudante, numa folha em branco, livremente escreveu 10 (dez) frases, representativas de sua identidade como pessoa. A intenção deste instrumento foi averiguar se a leitura era mencionada - livre e espontaneamente - como um traço destacável da identidade dos sujeitos. Posterior à coleta dos depoimentos, ao grupo de 28 (vinte e oito) sujeitos, foi aplicado um questionário online (ANEXO), contendo 15 (quinze) perguntas fechadas e 02 (duas) abertas, indagando diferentes aspectos da leitura. Ambos os instrumentos

² Quisemos manter no anonimato os nomes dos componentes do grupo de estudantes bem como o nome da universidade, informando apenas que ela se localiza no meio-oeste catarinense, na região do Alto Vale do Rio do Peixe.

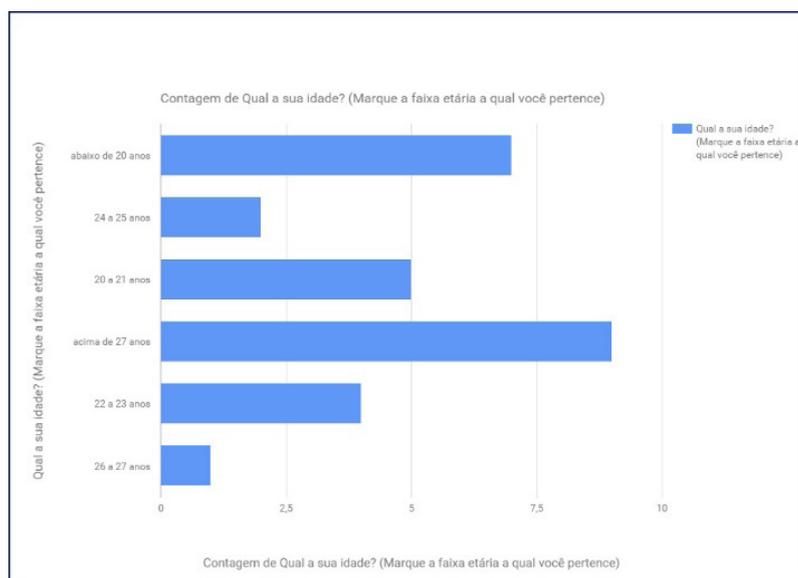
foram aplicados em situações de aula, em dois sábados consecutivos, logo no primeiro horário da manhã, no mês de novembro de 2015.

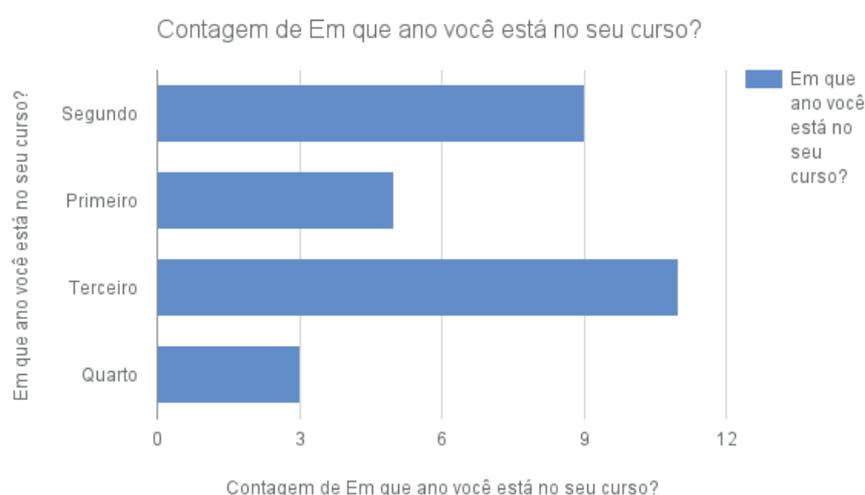
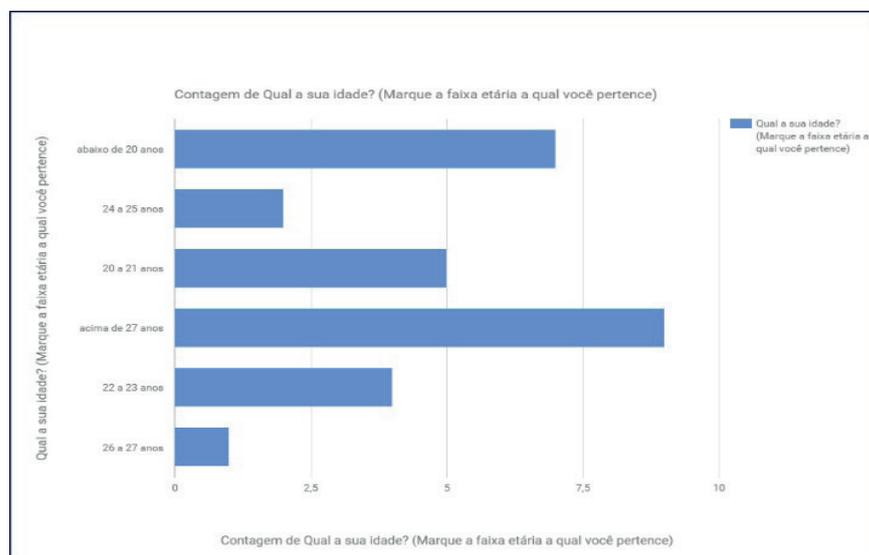
Para esta comunicação, elencamos e discutimos apenas os dados descritivos em valores absolutos e em tabelas estatísticas de modo a visualizar os aspectos pesquisados. Cabe enfatizar, mais uma vez, que as tabelas estatísticas devem ser lidas com o devido cuidado mesmo porque o universo analisado é limitado, ou seja, representado por apenas 28 (vinte e oito) sujeitos.

4 | SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

a) Caracterização do Grupo

O grupo era formado por 28 (vinte e oito) estudantes, sendo 24 (vinte e quatro) do sexo feminino e 04 (quatro) do sexo masculino, cursando Pedagogia (24), Educação Física (2) e Licenciatura em Matemática (2). Em termos de idade, esta se distribuiu mais intensamente entre alunos abaixo de 20 anos (7) e acima de 27 anos (9). A grande maioria do sexo feminino (24), cursando fundamentalmente o segundo e terceiro anos da faculdade.





Quadro 01 – Dados demográficos

b) Depoimentos “Quem sou Eu”

Dos 28 (vinte e oito) formulários preenchidos, 7 (sete) mencionaram uma relação com a leitura. Explicitamente foram elas:

S6 – Sou uma pessoa que adoro leitura.

S9 – Gosto de ler livros de romance.

S10 – Gosto de ler livros sobre romance e suspense.

S16 - Sou M.P., palmeirense, ex-escoteiro, aficionado por leitura fantástica, medieval.

S17 – Leio quando posso.

S20 – Gosto de ler.

S21 – Sou um leitor de Nietzsche. Pretendo ler meu livro de número 1000. Amo meus livros não publicados.

S28 – Gostaria de não ser tão apegada a celular, Facebook, essas tecnologias,

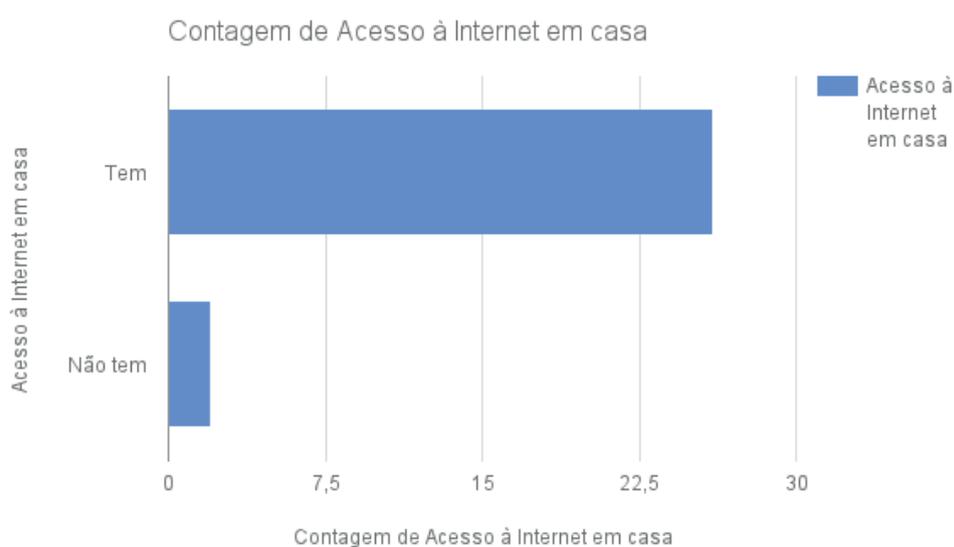
mas mesmo assim não abandonei livros de romance que gosto muito de ler no meu lazer.

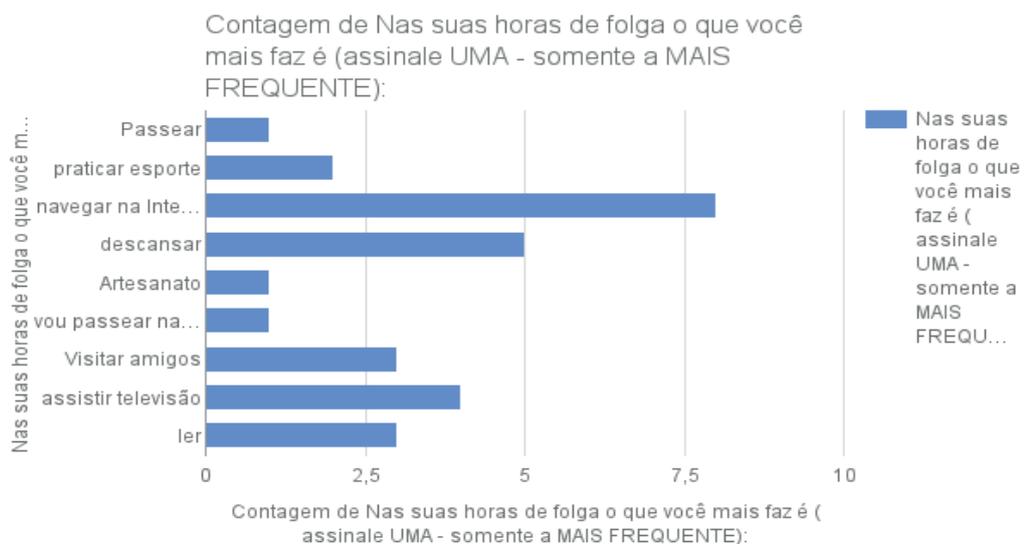
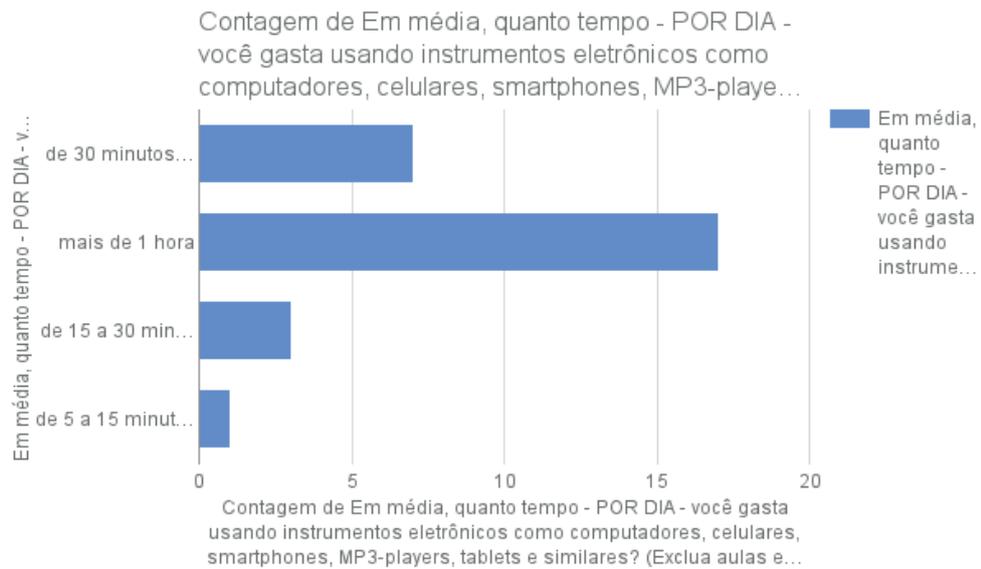
Da totalidade, apenas $\frac{1}{4}$ (um quarto) espontaneamente citou a leitura como parte de suas características pessoais. Isto parece revelar que a leitura, por não ser lembrada ou trazida livremente à memória de $\frac{3}{4}$ (três quartos) do grupo, se coloca como um traço fraco ou mesmo inexistente da identidade dos sujeitos. Outrossim, o “romance” (fantástico, suspense), citado por 4 (quatro) sujeitos indica que é o gênero literário que talvez ainda cativa e atraia para a esfera da leitura o estudante universitário, hoje bombardeado por textos virtuais e impressos por todos os lados, conforme alega uma das depoentes: “Gostaria de não ser apegada a celular, Facebook, essas tecnologias, mas mesmo assim não abandonei livros de romance que gosto muito de ler no meu lazer”.

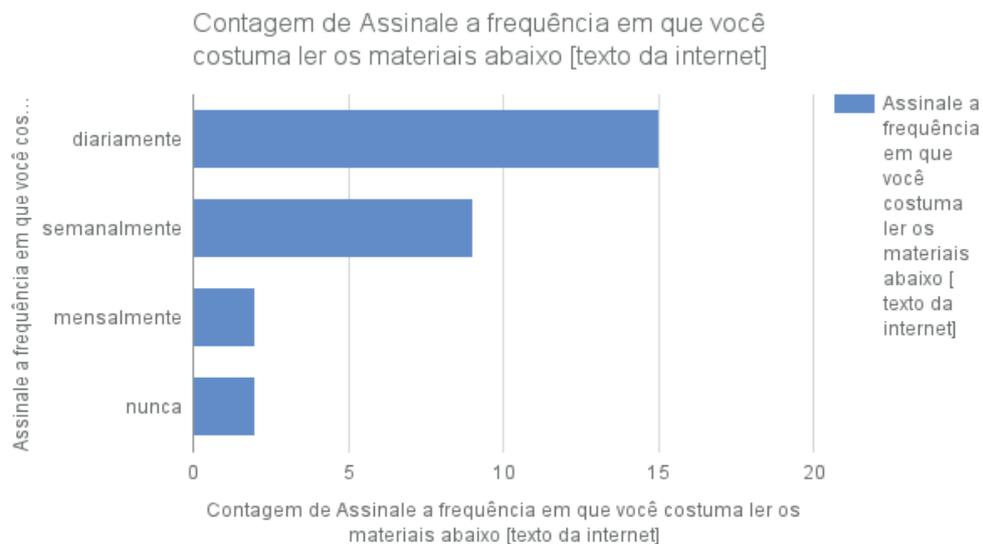
4.1 Questionário Práticas de Leitura

4.1.1 Meios Eletrônicos e Internet – Preferência Primeira

O Quadro 2, que se segue, aponta para a ostensiva presença da internet, das mídias eletrônicas e redes sociais na vida do grupo pesquisado. A grande maioria dos estudantes tem internet em casa, acessando-a diariamente por mais de uma hora por dia; o Facebook é o espaço de visitação mais frequente, seguido do uso do e-mail. As horas de folga são primordialmente preenchidas pela interação diária com a internet, seguida pelo ver televisão – a atividade de leitura ocupa a 5ª posição no usufruto das horas de folga do grupo.







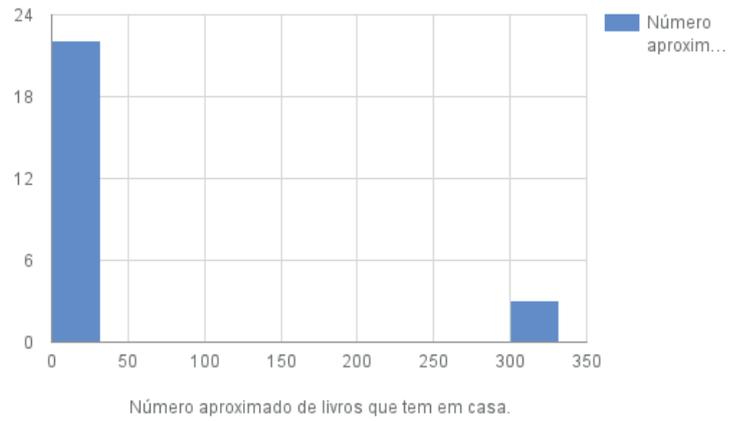
Quadro 2: Uso de meios eletrônicos e da internet

4.1.2 Mídias Impressas em Segundo Plano

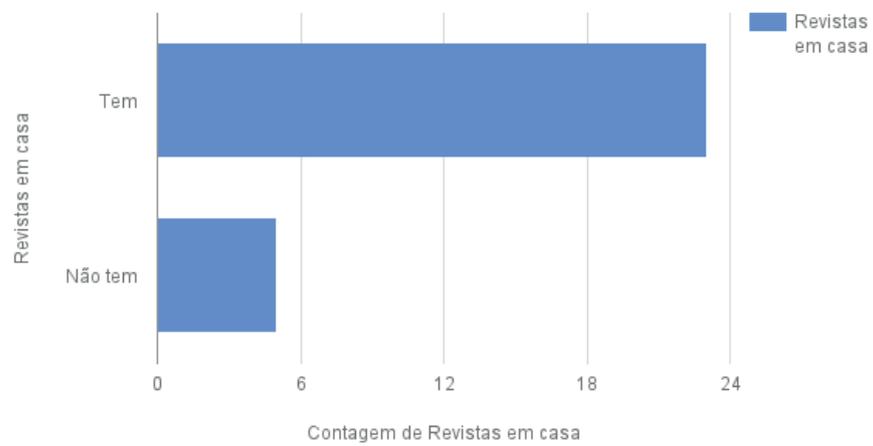
O Quadro 3, abaixo, aproximando as tabelas relativas às práticas de leitura de materiais impressos, mostra os baixos índices de leitura de materiais impressos: o grupo possui livros e revistas em casa (com médias reduzidas para um estudante universitário, pretende a professor); praticamente ninguém assina jornais, a leitura da literatura e da poesia são descartadas por mais da metade do grupo; lê-se materiais impressos por menos de 1 (uma) hora por dia; apostilas e materiais xerografados são lidos diariamente pela maioria; tirante 3 respondentes, com biblioteca acima de 300 livros, o restante possui uma média de 22 (vinte e dois) obras em sua casa. Os assuntos mais buscados para leitura hierarquicamente assim se apresentam: cultura, comportamento, gastronomia e saúde



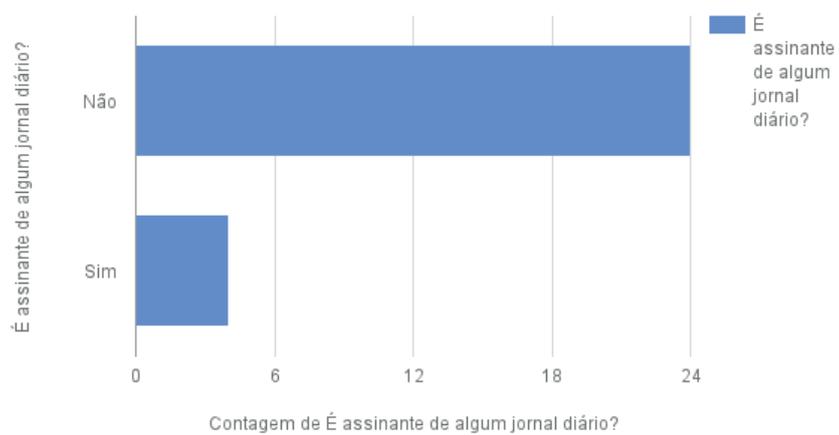
Histograma de Número aproximado de livros que tem em casa.



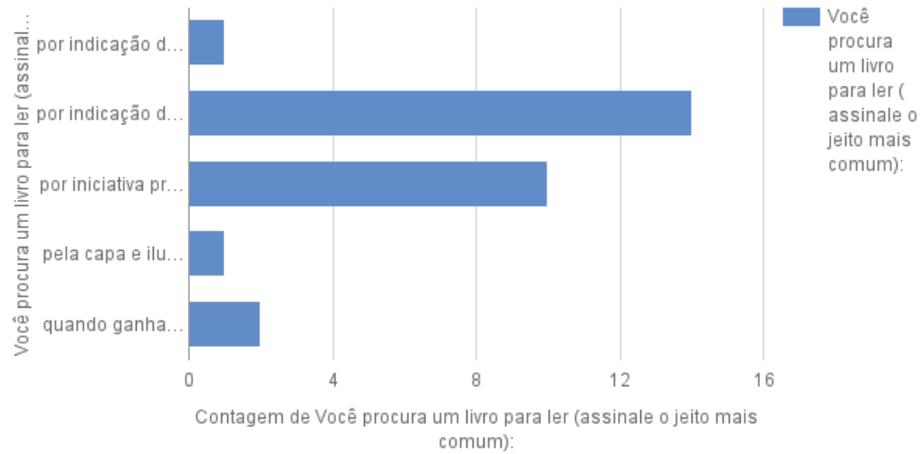
Contagem de Revistas em casa



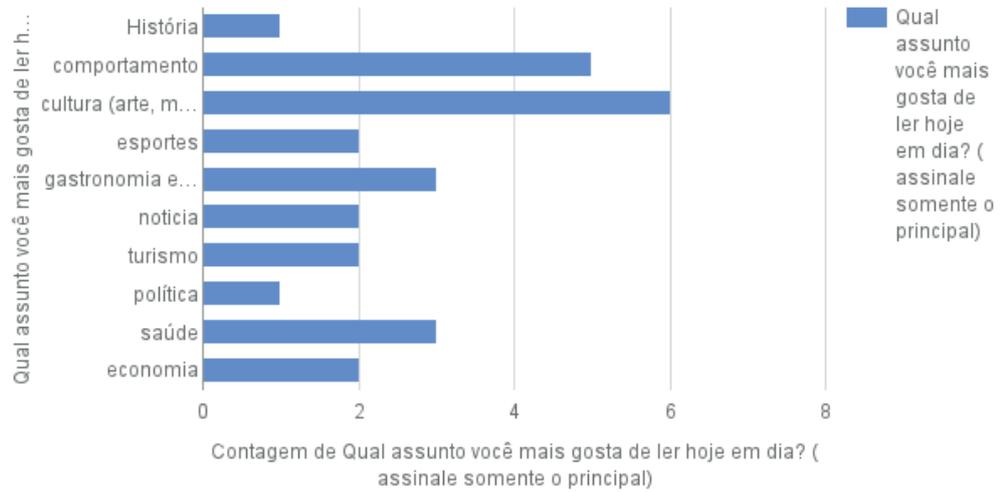
Contagem de É assinante de algum jornal diário?



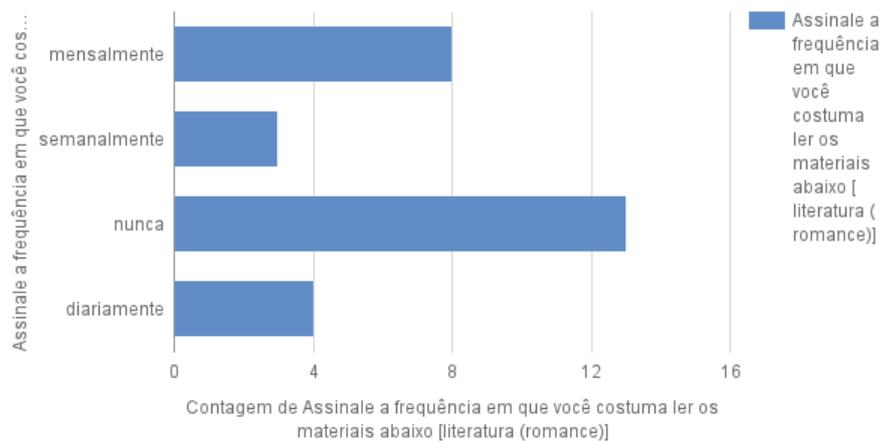
Contagem de Você procura um livro para ler (assinale o jeito mais comum):

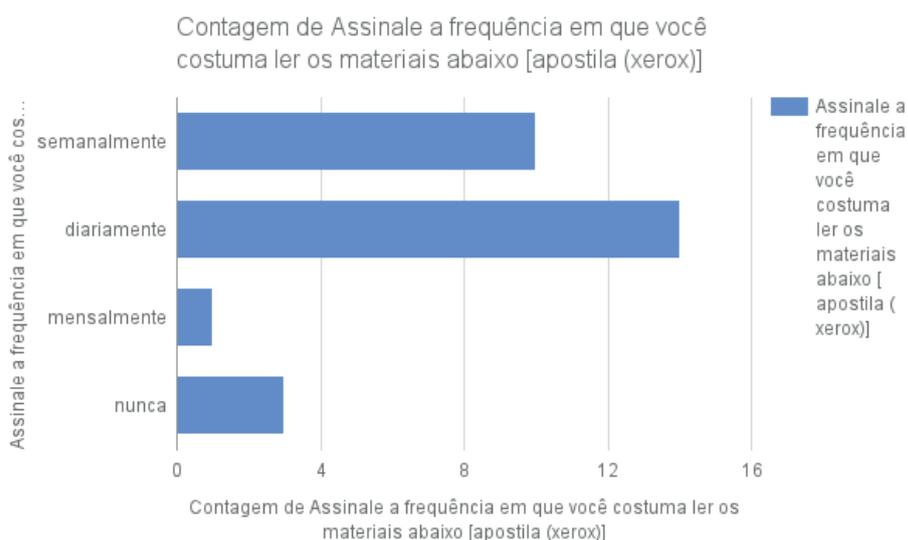
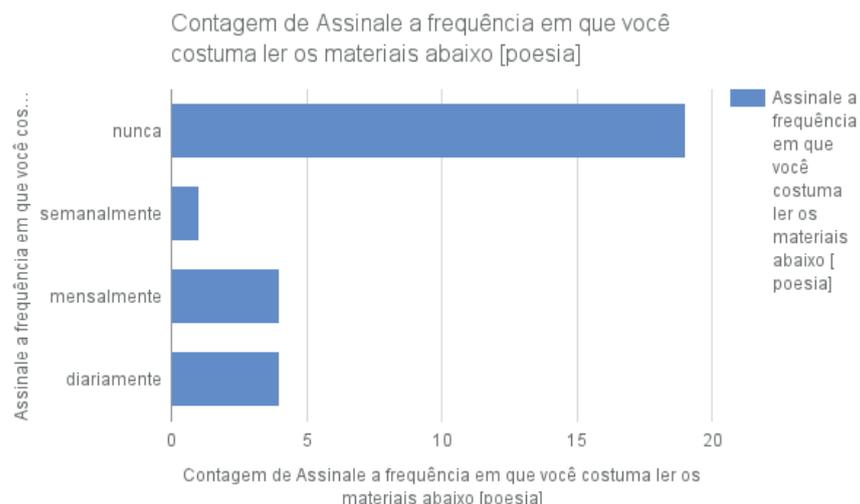


Contagem de Qual assunto você mais gosta de ler hoje em dia? (assinale somente o principal)



Contagem de Assinale a frequência em que você costuma ler os materiais abaixo [literatura (romance)]

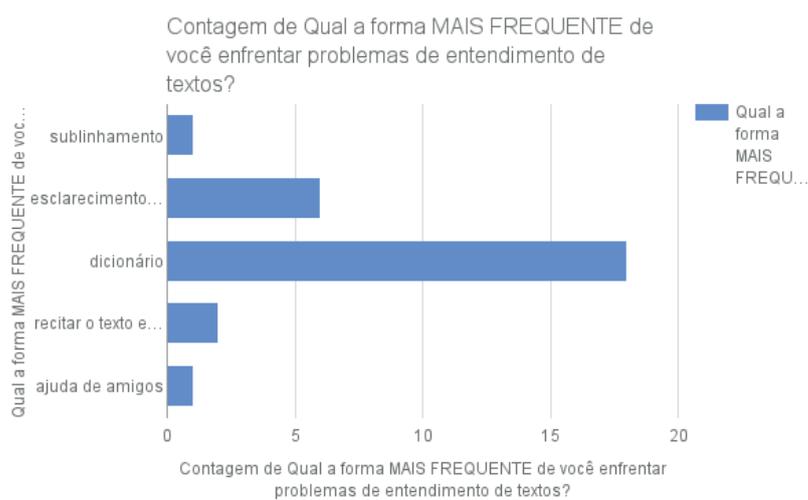
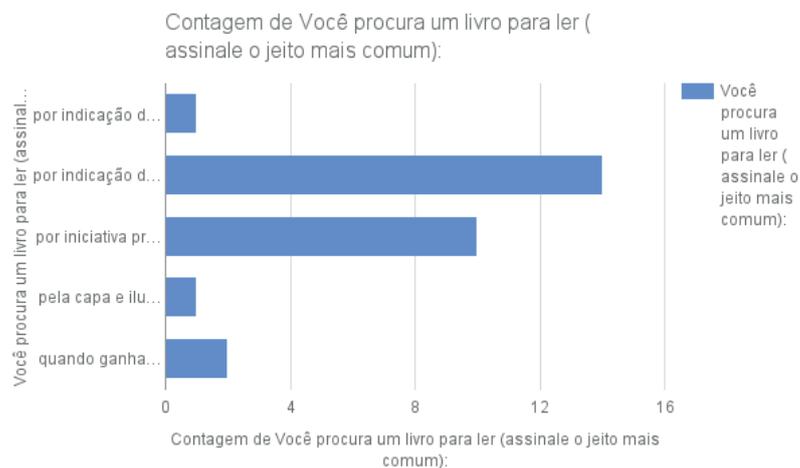




Quadro 3 – Leitura de materiais impressos

4.1.3 Informantes de Leitura

Conforme pode ser constatado no Quadro 4, abaixo, o professor ainda é a principal fonte de indicação de leituras aos estudantes – destes, metade informa que busca textos para ler por indicação dos professores. Segue-se a iniciativa própria, com as demais opções praticamente nulas dentro do grupo analisado. Outrossim, como solução para a superação de problemas de entendimento dos textos a grande maioria prefere o uso de dicionários, seguido de esclarecimentos prestados pelo professor.



Quadro 4 – Informantes de leitura

5 | CONSIDERAÇÕES

Este trabalho de pesquisa partiu do pressuposto de que a leitura é uma prática fundamental ao trabalho docente em função de sua íntima relação com a qualidade do ensino e com o desempenho escolar dos estudantes. Por isso mesmo, essa prática deve receber um lugar de muito destaque no processo de formação básica e continuada de todos os professores.

Pesquisa anterior, realizada por SILVA (2006), mostrara a debilidade da competência em leitura por 385 professores de educação básica da região de Campinas. Passados 10 (dez) anos, quisemos sentir mais de perto as raízes dessa debilidade – ou deficiência -, analisando por alto aspectos das práticas de leitura de um grupo de professores em processo de formação, oriundos de uma universidade catarinense localizada no Alto Vale do Rio do Peixe. Para tal, estruturamos um estudo de caso de caráter exploratório para construir um cenário aproximativo (não exaustivo) da problemática, fazer conjecturas, delinear hipóteses para que outros estudos, com metodologias mais incrementadas, possam ir mais a fundo no estudo das práticas de

leitura e das condições para a sua produção na universidade.

O cenário construído não foi dos mais alvissareiros mesmo porque a leitura de livros e similares, aqui tomados como importantes transmissores do conhecimento via academia, fica situada relegada a segundo plano. Outrossim, a leitura pouco aparece como um traço da identidade dos estudantes pesquisados. Tudo leva a crer que esses estudantes se voltam muito mais aos textos virtuais e às redes sociais da internet como forma de estudo e de lazer. Salva-se o professor, revelado nesta pesquisa como um informante privilegiado da leitura, capaz de indicar textos e orientar a superação de problemas de entendimento dos textos.

Não resta dúvida que esta investigação revela a reprodução de um problema cujas solução precisa ser rapidamente pensada, sob o risco de formarmos novos professores sem as competências necessárias para o manejo de textos impressos, como o livro e seus similares. Ainda que os textos virtuais tenham a sua importância no mundo contemporâneo, eles de maneira nenhuma substituem os textos impressos em termos de amplitude e importância. Dessa forma, há que se pensar no domínio adequado de todos os tipos de escrita (manuscrita, virtual e impressa) que geram diferentes configurações de textos e nos remetem para uma tipologia de formas diferenciadas de interlocução em leitura. Portanto, outras investigações deverão ser organizadas no sentido de desvelar as determinações para os atuais comportamentos de leitura presentes nos cursos de formação de professores, buscando agir sobre aqueles aspectos que bloqueiam e/ou dificultam a formação de um professor-mediador-leitor, maduro, ávido e competente.

Finalizando, cabe retomar o título deste trabalho, “Leio quando posso – práticas de leitura entre futuro pedagogos”, no sentido de reiterar, mais uma vez a diferença entre as expressões “ler porque devo” e “ler quando posso”. Sem dúvida que o ideal seria a disseminação ou inculcação da ideia de que os professores, por dever de ofício e por ser espelho aos estudantes, precisam assumir o “dever ler” como parte essencial do seu ofício, da sua profissão e labor; entretanto, o que se subentende quando uma futura pedagoga categoricamente afirma “Leio quando posso”? Que as circunstâncias relacionadas aos seus estudos na universidade não lhe são favoráveis? Quais seriam essas circunstâncias? Ou que ler ou não ler é a mesma coisa ao professor em formação? Quando não pode, esse futuro professor não lê? Afinal, o que significa “não poder ler” para um professor em formação?

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Estudo de caso, uma alternativa de pesquisa em educação**. Disponível em: <<http://web2.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom2/pdf/texto4.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivro, 2005.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas**. Brasília: Editora da UNB,

1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: EDUNESP, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros.** A leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1982, p. 52-62.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura.** Estudios sobre Literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita.** São Paulo: Ática, 1996.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Em sobressaltos: formação de professora.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993.

PEGORARO, Ludimar. Ética e competência na formação de professores. In: **Revista Virtual - Contestado e Educação.** Nº 011 a 012, Mar./Abr./Maio/Jun. 2005. Disponível em: <<http://www.pg.cdr.unc.br/layoutNovo/edicoes/numeroDoze/Revista.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2007.

PERONI, Vera Maria Vidal; BAZZO, Vera Maria; PEGORARO, Ludimar. **Dilemas da educação brasileira em tempos de globalização neoliberal: entre o público e o privado.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PETIT, Michel. **Os jovens e a leitura.** Uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PRADO, Jason & DINIZ, Júlio (Orgs.). **Vivências de leitura.** Quem são e o que dizem as pessoas que estão escrevendo a história da leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 3ª Ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2002. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.

REVISTA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA. Campinas, SP, ALB, nºs zero a 65.

SILVA, Ezequiel T. **O Ato de Ler.** Fundamentos psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Leitura na Escola e na Biblioteca.** Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Magistério e Mediocridade.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Elementos de pedagogia da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A leitura nos oceanos da internet.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Uma caracterização das práticas de leitura e escrita entre professores do “Teia do Saber”.** Campinas, SP, 2006. (Mímeo)

_____. Uma pausa para meditação, ou melhor, para mediação em leitura. In: RÖSING, Tania & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: história e ensino.** Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016, p. 91-104.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-014-8

